

MESTRADO EM TEMAS DE PSICOLOGIA

PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Traços da Personalidade Psicopática e Juízo Moral Utilitarista

Mayerling Liseth Guillén-Caicedo

M

2020



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Traços da Personalidade Psicopática e Juízo Moral Utilitarista

Mayerling Liseth Guilén-Caicedo

Novembro, 2020

Dissertação apresentada no Mestrado em Temas de Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor ***Fernando Ferreira-Santos*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Ao professor Doutor Fernando Ferreira-Santos, orientador de dissertação, pela sua dedicação, paciência e orientação e por todos os conhecimentos que me permitiu adquirir ao longo do início ao fim até conseguir este resultado.

Ao Laboratório de Neuropsicofisiologia da Universidade do Porto, especialmente à Rita Pasion pelo seu tempo, conhecimento e participação nas orientações para isto ser possível.

À Cidalia, Carlos e o Diogo, a minha segunda família em Portugal, a vossa companhia tem sido uma fonte de apoio importante neste percurso, e na minha vida inteira. Agradeço a confiança de abrirem as portas da vossa casa.

Aos meus amigos da Colômbia, a distância não é obstáculo para todas as mensagens e ligações com muito amor e palavras de conforto nos momentos felizes e tristes, o vosso tempo para mim é a melhor prenda que posso receber da palavra amiga/o.

Ao meu irmão Edwin, Maria e a minha princesa Maria Armada. Eles viram em mim o valor que eu dou para seguir os meus projetos. Vocês marcaram a primeira linha nesta viagem, e que hoje é uma realidade, isto também é vosso.

Ao senhor Armando, Miguel, Sara, Afonso, Paula e o Luís, vocês são parte deste processo, desde a aprendizagem da língua e cultura portuguesa até conseguir este objetivo. O vosso amor, compreensão, orientação, atenção, companhia e ajuda merecem um grande reconhecimento da minha parte.

Aos meus irmãos Leidy e Edison, cunhados Ana e Carlos, sobrinhos Santiago, Samuel e Juan. À minha mãe, a minha mulher das mil batalhas, a tua voz é a minha energia, o meu sopro de inspiração, o meu refúgio. Ao meu pai o primeiro homem na minha vida, que me faz lembrar que sempre é preciso ver uma solução dentro da confusão e continuar pelos meus sonhos. Família, o meu maior tesouro, o reconhecimento para vocês é infinito, cada vitória com o meu nome é vossa, hoje e sempre. Obrigada por acreditarem em mim. Amo-vos.

Resumo

Estudos prévios sugerem uma estreita relação entre a psicopatia e o juízo moral. As escolhas morais envolvem fatores de aprendizagem, cognitivos, afetivos, e experiências pessoais, sendo que os traços de personalidade psicopática, em particular devido a défices emocionais, influenciam o juízo moral. Assim, a presente investigação testou as diferenças entre as facetas da teoria de triárquica da personalidade psicopática (*Boldness*, *Disinhibition* e *Meanness*) na sua relação com o juízomoral dos participantes (Utilitarista e Deontológico). Foi usada a *Triarchic Psychopathy Measure (TriPM)* e o conjunto de dilemas morais de Greene. Dos resultados achados na pesquisa sobressai uma associação positiva entre o nível de psicopatia e a preferência por juízos morais utilitários. Mais especificamente, pode-se inferir que o traço de personalidade psicopática *Meanness* é o que melhor consegue predizer um juízo moral de tipo utilitário em cenários de dilemas quer pessoais quer impessoais. Paralelamente, o traço *Boldness* é o segundo melhor preditor do juízo moral utilitarista e em dilemas morais pessoais, apesar de ser importante considerar que este resultado foi apenas marginalmente significativo. Por outro lado, nos Dilemas Morais Impessoais, a *Disinhibition* é o segundo traço que melhor pôde prever um juízo moral utilitarista nos Dilemas Morais Impessoais. Assim, revela-se um padrão diferencial do efeito das diferentes facetas da psicopatia consideradas pelo Modelo Triárquico no juízo moral.

Palavras-Chave: Psicopatia; Juízo Moral; Utilitário; Deontológico; Antissocial; Emoções; Cognitivo.

Abstract

Previous studies suggest that there is a close relationship between psychopathy and moral judgment. Moral choices involve factors related to learning, cognition, affect, and personal experiences and, in this sense, psychopathic personality traits, in particular due to emotional deficits, influence moral judgment. In line with the above, the present research examined the differences between the facets of the triarchic theory of psychopathic personality (Boldness, Meanness, and Disinhibition) in how they relate to moral judgment of participants (Utilitarian and Deontological). To this end, we used the Triarchic Psychopathy Measure (TriPM) and the set of moral dilemmas by Greene. We found a positive association between the level of psychopathy and the preference for utilitarian moral judgment. More specifically, we may infer that the psychopathic personality trait of Meanness is the one that best predicts utilitarian moral judgment in personal and impersonal scenarios. In parallel, Boldness was the second best predictor of utilitarian moral judgment in personal moral dilemmas, although this result was only marginally significant. Conversely, for impersonal moral dilemmas, Disinhibition was the second best predictor of utilitarian judgment. Overall, there was a differential pattern in the effects of the different facets of psychopathy considered by the Triarchic Model in moral judgment.

Keywords: Psychopathy; Moral Judgment; Utilitarian; Deontological; Antisocial; Emotions; Cognitive.

Resumé

Des études antérieures suggèrent qu'il existe une relation étroite entre la psychopathie et le jugement moral. Les choix moraux impliquent des facteurs liés à l'apprentissage, à la cognition, à l'affect et aux expériences personnelles et, en ce sens, des traits de personnalité psychopathiques, en particulier en raison de déficits émotionnels, influencent le jugement moral. Conformément à ce qui précède, la présente recherche a examiné les différences entre les facettes de la théorie triarchique de la personnalité psychopathique (Boldness, Meanness et Disinhibition) dans leur relation avec le jugement moral des participants (utilitaire et déontologique). À cette fin, nous avons utilisé la mesure de psychopathie triarchique (TriPM) et l'ensemble des dilemmes moraux de Greene. Nous avons trouvé une association positive entre le niveau de psychopathie et la préférence pour le jugement moral utilitariste. Plus spécifiquement, nous pouvons en déduire que le train de personnalité psychopathique de la Meanness est celui qui prédit le mieux le jugement moral utilitariste dans des scénarios personnels et impersonnels. Parallèlement, la Boldness était le deuxième meilleur prédicteur du jugement moral utilitariste dans les dilemmes moraux personnels, même si ce résultat n'était que marginalement significatif. À l'inverse, pour les dilemmes moraux impersonnels, la Disinhibition était le deuxième meilleur prédicteur du jugement utilitariste. Dans l'ensemble, il y avait des différences dans les effets des différentes facettes de la psychopathie considérées par le modèle triarchique dans le jugement moral.

Mots-clés: Psychopathie; Jugements Moral; Utilitaire; Déontologique; Antisocial; Émotions; Cognitif.

Índice

Introdução	1
1. Método	13
1.1. Participantes	13
1.2. Materiais e Instrumentos de Avaliação	13
1.3. Procedimentos	14
1.4. Análise de Dados	14
2. Resultados	15
2.1. Estatísticas Descritivas: Escala TriPM	15
2.2. Juízos Morais	15
3. Discussão.....	18
4. Conclusão	22
Referências Bibliográficas	23

Introdução

No âmbito de investigação da psicopatia, muitos estudos têm apresentado diversas maneiras de avaliação e compreensão dos traços que definem uma personalidade psicopática, que não é igual que o transtorno de personalidade antissocial e comportamento criminal; o antissocial está definido por comportamentos por exemplo como o abuso de substâncias ou drogas, não é exclusivamente violento ou contra as leis num contexto específico; o comportamento criminal é um critério ligado diretamente com comportamentos que magoam ou podem causar dano (físico, emocional ou psicológico) aos outros e no fim infringir as leis determinadas num contexto social. Ao longo do tempo têm vindo a ser construídos os critérios que definem a personalidade psicopática, o que vai ser muito mais do que o aspecto antissocial ou criminal (Cleckley, 1941; Hare, 1991; Hare, 2003; Lykken, 1995; Patterson & Newman, 1993; DSM-5, 2013).

Na psicopatia e as suas principais linhas de pesquisa, é de sublinhar o trabalho desenvolvido pelo psiquiatra Hervey Cleckley avançou na investigação empírica formulando uma listagem de características relativamente a psicopatia e com uma abordagem neuropsiquiátrica, onde são especificados 16 traços da personalidade, como por exemplo a ausência de delírios, insegurança, pobre julgamento e fraqueza para aprender pelas experiências, falta de remorso, dificuldade em planejar no seu dia a dia, entre outras (Lilienfeld, Watts, Smith, Patrick & Hare, 2018; Skeem, Polaschek, Patrick e Lilienfeld, 2011).

A visão do Cleckley é de suma importância no estudo da psicopatia enquanto consegue caracterizar esta perturbação da personalidade desde uma visão clínica a partir de casos de pacientes que na altura estavam sob a sua supervisão e acompanhamento o que faz uma caracterização da população mais específica. Mas os seus estudos tinham a limitação de avaliar traços psicopáticos apenas em população não criminosa, o que no futuro ia trazer a necessidade de avançar em estudos com população forense, para avaliar ou discriminar a existência de traços psicopáticos, na medida em que as questões atuais abriam uma lacuna querem em pessoas com traços de personalidade psicopática e comportamento antissocial e pessoas que não apresentavam comportamentos criminosos, pelo contrário tinham uma adaptação social em concordância ao contexto social, uma imagem social positiva ou de exemplo para os outros. A questão era que aquelas pessoas com certo “sucesso” no seu

emprego e no dia a dia não se encaixava propriamente nos critérios da descrição de Cleckley (Cleckley, 1941; Patrick, Fowles, & Krueger, 2009).

A conclusão de Cleckley no livro “Mask of Sanity” é que paradoxalmente quem é caracterizado como psicopata pode ter uma representatividade de uma boa adaptabilidade o ajuste social e certa imunidade ao stress. Mais tarde, o psicólogo Robert Hare (1991) vai sistematizar esses 16 traços para apresentar uma Escala de Valoração da Psicopatia (PCL-R) uma proposta que avalia o construto desde uma visão unitária. Atualmente a PCL-R é um instrumento seminal para avaliar a psicopatia com base numa entrevista estruturada; inclui 20 itens agrupados em 2 fatores correlacionados; por um lado o fator *interpessoal/afetivo* ainda subdividido em dois dum lado integra o *aspecto interpessoal* (4 itens) e paralelamente o aspecto *afetividade* (4 itens), este fator está integrado por 8 itens, do outro lado o fator *antissocial* ainda com uma subdivisão, por um lado a *impulsividade e estilo de vida irresponsável* (5 itens) do outro lado *comportamento antissocial* (5 itens), assim podem-se achar correlações entre esses dois fatores grandes e as suas diferentes aspectos integrativos (Filho, Pereira, & Garcia, 2009; Garrido, 2008; Garrido, 2012; Skeem, Polaschek, Patrick e Lilienfeld, 2011).

Dentro do fator 1 encontra-se características de eloquência, relações superficiais, além disso, altos níveis de manipulação, mentira patológica, egocentrismo e manifestações de grandiosidade; conjuntamente déficit na emocionabilidade, sem remorso e baixa empatia, aliás não assumir nenhuma responsabilidade pelos seus atos; acentuada agressão instrumental, narcisismo e maquiavelismo. Do outro lado, no fator 2 podem-se identificar pessoas possivelmente com uma alta expectativa de valor pelas consequências, mas também que precisa duma alta estimulação para reagir; gosta e procura situações com alto risco, afeto negativo; comportamentos desinibidos, baixo autocontrole, alta impulsividade, comportamentos disruptivos, dificuldades sociais; agressividade reativa, em geral apresenta recorrentemente comportamentos antissociais desde a infância, versatilidade criminal, agir constantemente em contra das regras ou normas sociais e a incapacidade de planejar objetivos para o futuro (Esbec & Echeburúa, 2010; Patrick, 2006, 2018).

Uma alta pontuação na PCL-R tem tido resultados de uma correlação positiva com outros testes que medem a impulsividade e agressão e relações de tipo negativo com testes que avaliam empatia e afiliação, mas isto vem provavelmente de ser um instrumento para avaliar população criminosa. O fator 1 altamente associado com dominância social e de maneira invertida associado com negatividade emocional. O fator 2 com um nível alto de associação de características de comportamento antissocial e baixa adaptabilidade,

impulsividade e alta agressividade reativa, entre outros como a alta persistência para os comportamentos de abuso de drogas e ligados a criminalidade (Esbec & Echeburúa, 2010; Patrick, 2006, 2018).

Assim, desde essa abordagem pode-se entender que a psicopatia é um fator preditor do comportamento antissocial; porém a PCL-R tem a limitação de ser ainda um instrumento de avaliação unitário bifatorial onde um dos fatores é focado apenas no comportamento antissocial, o que quer dizer que apenas se refere às características que acabam por ser desadaptativas socialmente, aplica-se unicamente a população dentro dum enquadramento jurídico legal ou forense, por exemplo pessoas privadas da sua liberdade (correcionais/prisões). Esta é uma questão de controvérsia porque de facto os estudos atuais apresentam traços estáveis da psicopatia em população sem antecedentes de comportamentos antissociais, pessoas que apresentam alguma forma de sucesso, encontram-se integrados socialmente, possivelmente com um trabalho estável, um casal e filhos, até podem chegar a ser referentes públicos importantes com poder (Pérez, 2014).

Apesar disto, a PCL-R é um instrumento que ainda continua a ser o mais usado pelos profissionais nesta área e também é o que mais tem sido adaptado e validado em diferentes culturas e idiomas. Mas, outra crítica é que não é possível concretizar de maneira oficial o conjunto de critérios que ajudem com um diagnóstico da psicopatia. Atualmente os estudos avançam numa linha onde a psicopatia é mais uma versão dimensional e não só uma categoria (Esbec & Echeburúa, 2010; Patrick, 2006, 2018).

Não obstante, surge uma proposta integrativa e mais abrangente em comparação com estudos anteriores como do R. Hare, onde Patrick et al. (2009) falam do Modelo Triárquico da Psicopatia (MTP) como resposta ao estudo da psicopatia desde componentes fenotípicos, etiológicos e neurobiológicos do desenvolvimento, e que pudesse adaptar uma avaliação em pessoas de contextos comunitários, mas também a população com comportamentos antissociais. Assim, salienta-se a importância deste modelo posto que inicialmente se tem o facto das bases causais da psicopatia, portanto o seu interesse é de fazer uma integração para poder explicar o desenvolvimento das pessoas com os traços psicopáticos em população criminosa e não criminosa, não é determinista. O pressuposto de Patrick e colaboradores parte de um olhar da psicopatia com componentes positivos e traços individuais que constituem o espectro contínuo da psicopatia, garante que qualquer pessoa pode ter aqueles traços; dessa forma, há três fenótipos distintivos entre eles (*Meanness*, *Boldness* e *Disinhibition*) que vão integrar os traços dessa personalidade. Esta teoria propõe uma visão que integra aspectos da personalidade, psicopatologia e o neurobiológico. Mas também

refere que a psicopatia tem fatores externalizantes como traços estáveis do fenómeno e que no fim vai ser muito próximo duma descrição do comportamento antisocial. Portanto a premissa é, da procura duma resposta à questão de como é que uma pessoa consegue-se desenvolver na sua vida quotidiana tendo presente esses fatores, como também entende-se que há construtos separados e com diversas etiologias (Almeida et al., 2015; Patrick et al., 2009; Patrick, 2010; Sellbom, Wygant, & Drislane, 2014).

A *Boldness* é o fenótipo potencialmente adaptativo uma vez que caracteriza-se por uma baixa ansiedade, procura sensações de aventura ou de alto risco, atitude de valentia, posição dominante/domínio social e além disso a capacidade de manter-se calmo frente a situações de tensão ou níveis altos de estresse, resiliência, atrevimento/audácia. Nomeadamente, imperturbabilidade, postura social, assertividade, persuasão, coragem e sem medo ao desconhecido, em geral são atributos de postura e alta eficácia social sem sintomas neuróticos, diminuídas respostas emocionais, resistência ao suicídio e ao castigo (Almeida et al., 2015; Patrick et al., 2009).

De seguida, a *Meanness* integra as seguintes características: sem consideração ou piedade com as outras pessoas, não tem preocupação nenhuma por magoar aos outros, expressa indiferença. Apresenta défice na empatia, rebeldia, a procura de emoções, crueldade acrescentada conjuntamente insensibilidade. Pode ser entendida como uma alta dominância e baixa afiliação, ausência de neuroticismo; quer dizer procura sempre a satisfação sem ter consideração pelas demais pessoas, a explosividade e confrontação repetitiva aliás características comportamentais incluindo a arrogância, atitude desafiante, dificuldades nas relações interpessoais, competitividade agressiva, crueldade física com pessoas e animais. normalmente é evidenciada nos comportamentos criminosos (Almeida et al., 2015; Patrick et al., 2009).

Dentro do traço afetivo-interpessoal, pode ser como consequência da ausência de segurança e apego pela parte dos seus pais nas primeiras idades, provocaria um défice nas relações positivas e ter comportamentos negativos como atos cruéis e hostis, aspectos mais acentuados no fator da maldade; o que vai referir é que uma má relação nas primeiras idades entre pais e filhos está relacionado com perturbações que incidem na psicopatia na idade adulta (Patrick et al., 2009).

O fator *Disinhibition*, com altos níveis de impulsividade, dificuldades no controlo dos impulsos, défice na regulação emocional, irresponsabilidade, hostilidade, falta no planeamento e sem previsão nas atividades quotidianas, recorrência para a procura de gratificação imediata e lacuna na moderação de alguns comportamentos resumindo a

existência duma ligação entre impulsividade e afetividade negativa. Pessoas muito reativas a agressão, alta tendência em comportamentos que vão em contra das leis e abuso no consumo de substâncias alucinógenas ou álcool. Mas, também, é importante sublinhar a presença da vulnerabilidade para a externalização, a alta tendência geral para comportamentos antissociais, alta resistência à pressão interpessoal e ambiental, baixo controlo dos impulsos e pobre regulação emocional (Almeida et al., 2015; Patrick et al., 2009).

Assim, a externalização se manifesta através dos comportamento antissociais, o abuso de substâncias psicoativas, a rejeição às normas básicas numa sociedade, em resumo há uma vulnerabilidade a partir de fatores que mediam entre o fenótipo e o contexto social. Verifica-se uma alta tendência a produzir o comportamento (“para fora”) e normalmente desajustados; o sujeito externaliza e causa os problemas, dificuldades nas relações sociais pelo baixo controlo de impulsos. Afetações que são conhecidas pelo facto duma possível alteração que envolve áreas cerebrais, nomeadamente o córtice pré-frontal e como consequência uma desinibição, como consequência diferentes comportamentos abusivos, desmedidos com pouca capacidade de análise nas possíveis repercussões para o futuro (De Carvalho, Jorge, & Lara, 2014; Monteiro et al., 2015). A externalização vai mediar entre planificação, regulação e o controlo das respostas comportamentais e afetivas. Problemas comportamentais na infância tornaria mais difícil o processo de socialização, o que vai ter um impacto no desenvolvimento das relações positivas, assim acrescentaria os fatores de risco na idade adulta e ter comportamentos agressivos ou de abuso de drogas (Patrick et al., 2009).

A *Disinhibition* e *Meanness* compartilham a *difficuldade em temperamento*, caracterizado por uma excessiva negatividade emocional, comportamentos que manifestam uma dificuldade na regulação emocional nomeadamente a raiva o que vai incrementar o risco de comportamentos antissociais. *Insegurança e déficit nas relações de vinculação*, aqui os primeiros anos de vida são muito importantes para o desenvolvimento de habilidades nas relações com os outros, principalmente o relacionamento com os parientes pode ser um fator que pode tanto derivar um sentimento de segurança ou de ambivalência, fatores contextuais e/ou stress no ambiente pode ter repercussões nas relações de apego. *Intercâmbios coercivos* faz referência a uma interação com os pais ou cuidadores, a hiperatividade e um temperamento irritável. Entretanto, a *Meanness* e *Boldness* compartilham o baixo medo, isto não garante que no futuro uma pessoa não desenvolva uma consciência de internalização, mas a presença de um alto nível do traço de baixo medo pode acrescentar respostas que

facilitem situações de conflito nas relações sociais o que vai diminuir a probabilidade de ter relações com alta reciprocidade e que sejam positivas, o anterior combinado com outros fatores de risco como a negligência de parte dos pais pode incidir numa relação mais estreita com o fenótipo *Meanness* (Patrick et al., 2009).

A evolução das investigações entre o MTP e a PCL-R, apresentaram uma ligação entre altas pontuações na PCL e fatores externalizantes de agressão reativa, impulsividade, comportamentos antissociais e baixa empatia; a maldade é definida pela presença de componentes dos fatores 1 e 2 da PCL-R, a desinibição só do fator 2 e a ousadia do fator 1. No entanto, a psicopatia bem sucedida possui traços de fator 1 e baixo fator 2, com uma baixa externalização, assim são mais adaptados socialmente, sem histórico de infrações em contra das leis, conjuntamente baixa ansiedade e ausência de medo, mais com um acentuado encanto superficial, domínio da palavra o que pudesse ligar com uma baixa ansiedade (Hall et al., 2014; Patrick et al., 2009).

Um ponto que fica esclarecido, é que os diferentes traços de psicopatia referem déficits a nível emocional, manifestam comportamentos de crueldade, baixo autocontrolo, desinibição entre outros comportamentos que no fim podem magoar aos outros sem ter remorso e certa tendência quebrar as normas sociais. Assim, uma vez que indivíduos com alta psicopatia apresentam estas características, podem achar moralmente aceitável um comportamento violento ou antissocial pela justificação de salvar a vida de alguém ou pelas consequências do contexto. Por exemplo, as características da psicopatia podem levar a que o indivíduo tenha maior facilidade em sacrificar uma pessoa para salvar a vida de 4, mas também estarão dispostos a causar dano se tal levar a uma recompensa maior. Por conseguinte, um caminho para avançar neste tipo de estudos é pelo estudo da relação entre a psicopatia e o juízo moral. A investigação nesta área tem recorrido a dilemas morais, que descrevem uma situação de conflito moral (real ou fictícia), tendo os participantes de indicar como agiriam nessa situação ou como avaliam a mesma do ponto de vista moral. Deste ponto de vista o comportamento de magoar alguém que ocorre na psicopatia pode ter uma resposta no raciocínio moral e défices emocionais (Cardinale & Marsh, 2015; Cima, Tonnaer, & Hauser, 2010)

Juízo moral e dilemas morais

Os dilemas morais têm o seu antecedente na Psicologia pelo autor Lawrence Kohlberg (Bataglia, Morais, & Lepre, 2010) a sua investigação com uma vertente cognitiva e também pela influência de Piaget. O desenvolvimento moral humano tem diferentes fases pelas quais vão diferir do acordo as estruturas cognitivas e a sua interação com fatores externos. O desenvolvimento moral segundo Kohlberg tem três estádios onde dentro de cada um deles se incluem subestádios. O desenvolvimento decorre da seguinte maneira: primeiro o estágio pré-convencional, as pessoas respondem de um modo egocêntrico (característico nas primeiras fases do desenvolvimento humano) e a suas respostas comportamentais vão depender da recompensa no futuro, o que quer dizer vai responder tendo em conta a punição ou reforço no fim da sua ação; conseqüentemente a pessoa irá responder evitando ao máximo a punição; depois o convencional, no qual os sujeitos são capazes de um processamento muito maior do anterior, portanto é possível interiorizar as normas sociais nos diferentes contextos e procuram viver em concordância com estas; no último estágio, o pós-convencional, o superior do desenvolvimento moral, o moral vem a ter um valor maior que é indispensável para um comportamento recíproco, com base nos diferentes princípios éticos universais, por exemplo direito à vida, à liberdade ou à justiça (Bataglia, Morais, & Lepre, 2010).

O moral transcende e muda de um interesse de característica individualista para um interesse comum em sociedade e em ligação com o respeito das normas sociais do contexto em geral. Kohlberg (1992) acrescenta que é muito difícil que a maioria da população consiga alcançar o último estágio, o que quer dizer que, é comum que as pessoas atinjam uma fase convencional moral e ainda mais no de sujeitos com comportamentos antissociais e personalidade psicopática (Wojcizke, Parzuchowski, & Bocian, 2015).

Os dilemas morais ao longo do tempo têm sido usados para avaliar aspectos do comportamento humano e sobretudo no âmbito sociomoral. Um dos fatores principais a ter em conta é o juízo moral. De facto, diferentes estudos e pelo seu interesse na compressão da psicopatia ou o comportamento antissocial, têm apresentado resultados que falam de alterações no raciocínio moral e juízo moral até alterações estruturais ao nível cognitivo no processamento do moral (Greene et al., 2004; Koenigs, 2007; Rivera, 2013). Pressupõe-se que este tipo de sujeitos apresentam um alto nível de egocentrismo, como é referido na teoria kohlbergiana, o que é a satisfação imediata das suas necessidades ou pretensões, entendido como um desenvolvimento baixo ou pré-convencional do raciocínio moral. Ir contra as leis e normas sociais básicas, infringir pressupostos básicos dentro duma sociedade são parte das

alterações específicas das pessoas com dificuldades no desenvolvimento do raciocínio moral, que estão associadas à população com elevados traços de personalidade psicopática.

O anterior, é a base da estrutura geral do moral no desenvolvimento humano, mas o trabalho de Greene et al, (2004, 2008) gera novas perspectivas sobre o juízo moral apresentando a sua tese onde, o cérebro têm duas unidades para o processo do juízo moral uma mais utilitarista e outra mais emocional. A primeira relacionada com um maior controlo cognitivo e a ativação da área do Córtice Pré-Frontal Dorsolateral (CPFDL). Na outra margem, no juízo não utilitarista encontra-se ligada com zonas emocionais, nomeadamente o Córtice Frontopolar Medial (CFM, área de Brodmann 10) envolvida no juízo de dilemas morais pessoais (Green, Morelli, Lowenberg, Nystrom, & Cohen, 2008). A hipótese desta teoria é que os dilemas pessoais são descritos mediante três características fundamentais, como uma “violação moral” pessoal com dano corporal, esse dano é exercido sobre uma pessoa especificamente ou grupo e finalmente que surja pelo meio duma ação direta do mesmo sujeito envolvido na situação. Os dilemas morais impessoais não vão cumprir os anteriores critérios; o que vai fazer a diferença entre estes tipos de dilemas é o componente social-emocional, onde a categoria “pessoal” vai ter uma maior ligação com o social-emocional entretanto a categoria “impessoal” vai ter uma menor proporção, esta categoria vai estar muito mais associada com o processo cognitivo (Greene et al., 2004).

No estudo de Green et al. (2004) foram testadas duas hipóteses, uma é a dificuldade no juízo moral em dilemas morais pessoais e atividade cerebral; o resultado foi uma maior atividade cerebral bilateral nomeadamente no Córtex Prefrontal-Dorsolateral e na área inferior do lóbulo parietal, o que vem reforçar que são áreas vinculadas ao controlo cognitivo; também acharam uma maior dificuldade nas respostas dos participantes e uma maior atividade na área posterior do Córtex Cingulado-Anterior (CCA). Foi testada a diferenciação entre o juízo moral utilitarista e não utilitarista, sendo muito evidente o incremento na atividade do CPD no juízo moral utilitarista, o que quer dizer que perante um dilema moral de conflito pessoal vai incrementar a atividade cerebral no CPD (processo cognitivo) e as áreas vinculadas no emocional vão estar com uma menor atividade, derivado da avaliação custo-benefício (Conway & Gawewski, 2013; Greene et al., 2004).

Dentro do juízo moral também se encontra o juízo moral deontológico. Os estudos atuais têm adiantado pesquisas nestas vertentes do juízo moral, assim definem o juízo moral deontológico quando uma escolha entre o errado ou aceitável no contexto moral é independente das consequências (matar uma pessoa não é aceitável). Entretanto o juízo moral utilitarista faz uma avaliação de custo-benefício (matar uma pessoa para salvar 5).

Quando é avaliado o juízo moral pelos dilemas morais, é apresentada uma situação quer de alto conflito ou baixo conflito, há uma certa tendência em ter uma atividade mais cognitiva quando é apresentado um dilema de alto conflito (Gawronski & Beer, 2016; Laakasuo & Sundvall, 2016).

Psicopatia e o Juízo Moral

Além do Greene e colaboradores, Koenigs et al. (2007) também se interessaram em avaliar o juízo moral utilitarista e o déficit emocional nesse processo. Pesquisas apresentam déficit no social-emocional em população clínica com lesões na área ventromedial no Córtex-Préfrontal (vmCPF) ou demência Frontotemporal (DFT) e estudos iniciais relacionaram uma menor incidência do afetivo na decisão moral nesta população. Tal alta resposta no juízo moral utilitarista foi também identificada na psicopatia. Pessoas com dano na área vmCPF rejeitaram todos os cenários de baixo conflito e tiveram uma alta resposta em cenários de alto conflito (Tassy et al. 2013).

Assim, para tentar achar uma resposta da relação entre o déficit emocional e o juízo moral em psicopatas, em outro estudo tentaram explicar porquê o psicopata com um normal entendimento do que é errado ou certo tem uma alteração na regulação emocional num comportamento apropriado. O estudo teve como hipótese inicial que as emoções são muito importantes para o juízo moral, sendo que as experiências emocionais vão, no futuro, dar uma explicação das escolhas morais. Eles concluíram que o psicopata pode compreender certamente quando uma situação é errada ou certa, portanto os resultados serem uma escolha aceitável ou não aceitável moralmente parece não ter alta relevância para o psicopata. Os resultados deste estudo rejeitam a hipótese que o processo emocional é indispensável para o juízo moral sendo que o déficit emocional na psicopatia não quer dizer que não vão conseguir perceber o que é aceitável ou não socialmente no moral. No fim, o processo emocional é importante como orientação para conseguir fazer uma distinção ou interpretar os resultados das ações (Blair, White, Meffert & 2013; Cima, Tonnaer & Hauser, 2010).

Koenigs, Kruepke, Zeier e Newman (2011), continuaram com um estudo onde testaram a hipótese de que o psicopata primário (baixa ansiedade) em comparação com o psicopata secundário (alta ansiedade) tem diferenças importantes a ter em conta no juízo moral utilitarista. Os psicopatas em geral e independente do nível de ansiedade, têm uma alta tendência para aprovar o dano de tipo impessoal porque à partida as consequências que isso traz são de alto benefício, o que pode estar ligado com o comportamento antissocial em algumas pessoas. O psicopata com baixa ansiedade tem uma maior tendência para as

respostas que envolvem uma ação de dano de tipo pessoal para conseguir os seus objetivos finais. Também é aparente que este grupo de pessoas têm certa aversão no emocional o que pode justificar que pareçam ter um déficit no social-emocional. Por outro lado, este estudo achou que os psicopatas com baixa ansiedade (primário) têm particularmente um déficit no afetivo-inibitorio.

Outro estudo teve como objetivo achar uma relação entre o emocional e o dano em dilemas morais, estudando a tendência de psicopatas para causar dano emocional ou dano físico aos outros. Eles concluíram que psicopatias tinham dificuldades em compreender que não deviam causar dano emocional aos outros, explicando este resultado por causa do déficit emocional: um processo emocional normal é importante para entender o dano emocional que pode causar a outra pessoa, em psicopatas pode-se interpretar como uma dificuldade na aprendizagem em identificar os diferentes comportamentos que podem magoar ou provocar angústia aos outros. Paralelamente isto foi avaliado através dos dilemas morais, neste caso eles concluem que o psicopata pode perceber facilmente que o dano causado neste contexto é moralmente aceitável. Os autores sugerem que o que vai mediar entre o juízo moral e o magoar os outros vem duma explicação etiológica no sistema neurocognitivo nomeadamente na resposta de medo. No fim, o estudo reforça a hipótese que o processamento do medo é indispensável nas ações que provocam dano (Cardinale & Marsh, 2015).

Um estudo mais atual, faz uma correlação entre alta psicopatia e uma baixa resposta no juízo moral deontológico. Ao fazer uma comparação entre um grupo de alta psicopatia e baixa psicopatia, o grupo de alta psicopatia teve uma menor resposta no juízo moral deontológico. Em relação ao juízo moral utilitarista os investigadores não acharam diferenças significativas (Li, Ding, Lai, Zhan, Wu, & Liu, 2020).

As pesquisas referidas acima se bem conseguem fazer uma boa abordagem de estudos entre a psicopatia e o juízo moral, a investigação não consegue mostrar a existência de um efeito da psicopatia nos juízos morais utilitários/deontológicos, não é claro qual a associação entre as diferentes facetas do MTP (*Boldness, Meanness, Disinhibition*) e estes juízos morais.

Estudo atual

Tendo em conta o que foi descrito até aqui, a presente investigação pretende identificar as diferenças entre as facetas da teoria de triárquica da personalidade psicopática e o juízo moral dos participantes, pelo meio do uso dos seguintes instrumentos; a Triarchic Psychopathy Measure (*TriPM*) (Patrick, 2010; Vieira et al., 2014) e o conjunto de dilemas

morais de Greene composto por 40 cenários, divididos em 12 cenários pessoais de alto conflito, nove cenários pessoais de baixo conflito e 19 cenários impessoais (Fernandes et al., 2018). Além de tentar compreender o juízo moral em cada uma das facetas dos traços da *TriPM*, o presente estudo procura enriquecer o estudo do juízo moral em população com traços psicopáticos, o juízo moral deontológico ou utilitário, aliás acrescentar a possibilidade num futuro fornecer diferentes tratamentos ou estratégias de intervenção nessa população.

Assim, as hipóteses do estudo são as seguintes:

- Com base na investigação anterior (e.g., Koenigs et al., 2011) esperamos uma associação positiva entre o nível total de psicopatia e as respostas utilitárias aos dilemas morais, independentemente de serem pessoais ou impessoais.
- Maior *Disinhibition* estará associada com uma maior resposta moral utilitarista em dilemas morais impessoais mas não nos pessoais.
- Maior pontuação nos traços de *Meanness e Boldness* estará associada com uma maior resposta moral de tipo utilitarista em dilemas morais impessoais e pessoais.

1. Método

1.1. Participantes

Fizeram parte de este estudo 388 participantes (67.3% mulheres; 32.7% homens) os quais provêm de uma amostra comunitária de nacionalidade portuguesa. O seu recrutamento foi realizado através do método de amostragem por conveniência. Os indivíduos têm uma idade compreendida entre os 18 e os 59 anos ($M = 24.59$, $DP = 7.55$), com um nível de escolaridade entre 1 e 23 anos ($M = 15.14$, $DP = 2.75$).

1.2. Materiais

Medida Triárquica da Psicopatia (TriPM)

Foi utilizada a Versão portuguesa da Triarchic Psychopathy Measure (*TriPM*; Patrick, 2010), a Medida Triárquica da Psicopatia, adaptada e validada pelos autores Vieira, Almeida, Ferreira-Santos, Moreira, Barbosa e Marques-Teixeira (2014). É um instrumento de autopreenchimento do modelo triárquico da psicopatia (Patrick et al., 2009). É constituída por 58 itens que avaliam as três componentes fenotípicas da psicopatia com base no modelo, a boldness, a meanness e a disinhibition em adultos, a partir de três escalas mede os traços da psicopatia de forma dimensional. Para cada item é pedido ao sujeito que indique em que medida essa afirmação o descreve a si numa escala de Likert de 4 valores (0 = verdadeiro, 1 = moderadamente verdadeiro, 2 = moderadamente falso e 3 = falso).

Tarefa de Dilemas Morais

Adaptação e validação para português europeu de dilemas utilizados para avaliar a tomada de decisão moral. European Portuguese adaptation and validation (Fernandes et al., 2018). O instrumento é composto por 40 cenários, dividido em 12 cenários com alto nível de conflito pessoal, nove cenários baixo conflito pessoal e no fim 19 cenários impessoais. Cada cenário questiona se é moralmente apropriada a prática de dano ou transgressão para no fim conseguir um melhor resultado.

1.3. Procedimentos

Foram disponibilizados os questionários online (plataforma LimeSurvey) na rede de contatos do campus da Universidade do Porto. No primeiro momento, foram apresentadas informações sobre o estudo, garantido o anonimato das respostas e recolheu-se o consentimento informado. Depois dos participantes concordarem com a participação no

estudo automaticamente apareciam os restantes materiais. A ordem dos instrumentos da *TriPM* e a moralidade estavam randomizados com sequências diferentes com o objetivo de minimizar os efeitos de esgotamento, assim a ordem das perguntas dos questionários foram aleatorizados pelo computador; incluía uma medida de empatia que não vai ser utilizada neste estudo porque fazia parte dum protocolo maior.

1.4. Análise de dados

As repostas dos participantes foram inseridas no Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 25, IBM Statistics, New York, USA) para efeitos de análise estatística. Com base nos dados coletados, criámos as variáveis *Boldness*, *Meanness*, *Disinhibition* e *TriPM Total*, que medem as pontuações obtidas pelos participantes na *TriPM* (subescalas e total). Geramos também as variáveis dependentes quantidade de respostas utilitaristas para respostas impessoais e pessoais.

Foram realizadas análises descritivas e análises de confiabilidade para a escala *TriPM* e respetivas subescalas. Comparámos o número de respostas utilitárias entre os cenários morais pessoais e impessoais através de um Teste-T para amostras emparelhadas. Analisamos também a correlação entre o resultado total de psicopatia e as respostas utilitaristas para cenários morais pessoais e impessoais. Finalmente foram calculados dois modelos de regressão linear múltipla cujas variáveis dependentes eram, respetivamente, dilemas pessoais de alto conflito e dilemas impessoais, e utilizando como preditores as subescalas da *TriPM* (*Boldness*, *Meanness*, *Disinhibition*)

2. Resultados

2.1. Estatísticas Descritivas: Escala TriPM

Os resultados das análises descritivas relativos às pontuações obtidas pelos participantes na *TriPM* (subescalas), assim como os resultados da análise de consistência interna dos itens são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

Análises descritivas e consistência interna da TriPM (N = 384).

	Média	Desvio Padrão	Mínimo-Máximo	Alfa de Cronbach
TriPM-Boldness	26.6	9.10	3-54	.837
TriPM-Disinhibition	14.16	7.61	1-45	.783
TriPM-Meanness	10.19	7.37	0-47	.845

2.2. Juízos Morais

Comparação de respostas a dilemas morais pessoais e impessoais

Relativamente ao tipo de resposta moral há diferenças estatisticamente significativas entre o valor de aceitação dos dilemas morais pessoais dos impessoais nos participantes. Os Dilemas Pessoais ($M = 1.24$; $DP = 1.43$) são significativamente superior dos Dilemas Impessoais ($M = 0.61$; $DP = 0.93$), $t(387) = 8.02$, $p < .001$. Assim, podemos rejeitar a hipótese nula e, portanto, aceitar a hipótese alternativa, e consequentemente concluir que há uma resposta moral utilitarista mais elevada do que uma resposta moral deontológica.

Relação entre traços de psicopatia e respostas a dilemas morais

No que concerne à relação entre a *TriPM* Total e respostas utilitaristas para cada tipo de dilemas morais (Pessoais e Impessoais) dos nossos participantes neste estudo, o teste de correlação de Pearson mostrou que há uma correlação significativa positiva e com um grau de associação debil entre a *TriPM* Total e a variável Dilemas Morais Pessoais, $r(386) = .261$, $p < .001$. O teste de correlação de Pearson mostrou também que há uma correlação significativa positiva e com um grau de associação debil entre a *TriPM* total e a variável Dilemas Morais Imessoais, $r(386) = .200$, $p < .001$. Assim é rejeitada a hipóteses nula

ocorrendo uma associação entre a *TriPM* Total e as respostas utilitaristas em cada cenário dos dilemas morais (Impessoais e Pessoais), sendo que quanto maior a pontuação de psicopatia, maior resposta de tipo utilitarista nos Dilemas Morais Impessoais e Pessoais.

Relativamente às dimensões da psicopatia e sua relação com o tipo de resposta moral (pessoais de alto conflito e impessoais) dispomos de análises do modelo de regressão linear múltipla (Tabela 2).

Tabela 2

Modelo de Regressão Linear Múltipla para cada tipo de resposta moral (N = 384).

	<i>F</i>	gl	<i>R</i> ²	β	<i>p</i>
DILEMAS MORAIS PESSOAIS	12.027	(3,384)	.086	-	-
Boldness				.100	.059
Meanness				.251	< .001
Disinhibition				.010	.853
DILEMAS MORAIS IMPESSOAIS	9.21	(3,384)	.067	-	-
Boldness				-.025	.635
Meanness				.191	< .001
Disinhibition				.125	.022

Testando os 3 componentes da psicopatia (*Meanness*, *Boldness* e *Disinhibition*) como preditores de cada tipo de resposta moral (utilitarista e deontológica) os nossos dados podem sugerir que quanto maior a *Meanness*, maior número de respostas de tipo utilitarista no juízo moral. No caso dos dilemas morais impessoais, verifica-se também que a *Disinhibition* está positivamente associada a respostas utilitaristas.

3. Discussão

A literatura sugere hoje em dia abordagens múltiplas e diferentes para o estudo da psicopatia, um construto que continua a ser questionado ao nível dos traços da personalidade e da sua relação com o comportamento antissocial e a moralidade. O debate ainda está aberto para investigações que sugerem relações de causalidade entre a psicopatia e a moralidade, posto que ainda não se tem uma certeza de dita relação causal, os resultados das pesquisas são ainda heterogêneos e conflitantes. O anterior é consequência da natureza da dificuldade na análises da personalidade psicopática, onde os seus traços diferem de pessoa a pessoa e ainda mais quando se fala de uma possível relação com a moralidade que em princípio tem características individuais, sociais e crenças ou valores. Dentro deste quadro, o presente estudo pretendeu avaliar a psicopatia adotando o modelo triárquico (Patrick et al., 2009) e analisou as suas relações com o juízo moral e o seu tipo de resposta (deontológico e utilitarista), numa amostra comunitária.

Assim, os nossos resultados na avaliação dos traços da psicopatia a partir da *TriPM* (Tabela 1) sugerem um maior nível de presença do fenótipo de *Boldness* ($M = 26.6$; $DP = 9.10$), a seguir o fenótipo de *Disinhibition* ($M = 14.10$; $DP = 7.61$) e no fim a *Meanness* ($M = 10.19$; $DP = 7.37$) – note-se que a escala *Disinhibition* tem 20 itens enquanto que as restantes apenas têm 19 pelo que a diferença encontrada entre *Disinhibition* e *Meanness* pode dever-se simplesmente à diferença no número de itens das subescalas.

Esta distribuição de traços vai de encontro ao que seria de esperar de uma amostra comunitária como a que foi recolhida neste estudo. Assim, tendo em conta a perspectiva da literatura de base revista na introdução, a nossa amostra apresenta pontuações mais elevadas em na faceta a *Boldness*, relacionada com temperamento de baixo temor e coragem e que por vezes é descrita como a vertente adaptativa da psicopatia, e pontuações menores nas facetas *Disinhibition* e *Meanness*, que seriam mais características de indivíduos com um perfil potencialmente antissocial e traços de crueldade (Patrick et.al, 2009).

Em suma, neste caso os dados achados na nossa pesquisa aproximam-se da teoria de Lykken, uma visão do psicopata de “sucesso” posto que o traço de *Boldness* encontra-se como predominante, ou que pode levar a ter uma tendência a interiorizar. O psicopata de “sucesso” (indivíduos bem adaptados, que em certas situações podem tornar-se líderes sociais, pessoas com grande reconhecimento social, imagem social relevante, etc.) compartilha com o psicopata com tendência ao comportamento antissocial as características do fenótipo *Boldness*: o baixo medo que permite a manutenção da calma perante uma

situação de alto risco, permitindo maior controlo da situação. Nos nossos dados encontramos valores mais baixos de Meanness e Disinhibition, facetas que se pensa dependerem de fatores de vulnerabilidade social e do convívio com os pais durante os primeiros anos de vida, onde a pessoa com menor propensão a vulnerabilidade social e resistência social vai ter uma imagem de adaptabilidade social melhor em contraste com uma pessoa que esteja envolvida em comportamentos antissociais (Patrick, 2006; Skeem, Polaschek, Patrick & Lilienfeld, 2011).

Considerando a associação entre traços de psicopatia e as respostas dadas aos dilemas morais, verificámos que houve uma correlação positiva entre o nível total de psicopatia medido com a *TriPM* e a quantidade de respostas utilitárias aos dilemas morais, quer pessoais quer impessoais, sendo que este resultado suporta a primeira hipótese deste estudo. Este resultado vai de encontro ao que foi reportado em estudos anteriores (Koenigs et al., 2011) e suporta o que foi descrito na introdução relativamente às características da psicopatia. Os traços psicopáticos parecem tornam os indivíduos mais capazes de agir de forma negativa ou violenta (ou a concordar com ações desse tipo), sendo que no contexto dos cenários morais essas ações podem levar a um resultado utilitário, como no caso de sacrificar um indivíduo para salvar vários (Cardinale & Marsh, 2015; Cima, Tonnaer, & Hauser, 2010).

Porém, para além desta associação entre o nível total de psicopatia e as respostas aos dilemas morais, encontrámos resultados diferenciais para as diferentes facetas medidas pela *TriPM*. Assim, os nossos resultados confirmam a hipótese de que o fenótipo *Disinhibition* é preditor de respostas mais utilitárias para Dilemas Morais Impessoais, mas que não prevê o juízo moral para Dilemas Pessoais. De facto, a *Disinhibition* tem sido associada à impulsividade e dificuldade de controlo dos impulsos, mas pode ser acompanhada por elevados níveis de ansiedade (Patrick et al., 2009). Assim, este traço poderá levar a um aumento das respostas utilitárias nos dilemas morais impessoais, onde há baixo conflito emocional e a resposta utilitária pode ser mais saliente (Greene et al., 2004). No entanto, nos dilemas morais pessoais, há uma dimensão emocional mais forte que poderá causar ansiedade nos indivíduos e levá-los a um estado de conflito entre a ação utilitária e deontológica (Greene et al., 2004), fazendo com que o traço de *Disinhibition* deixe de ter efeito na resposta do participante.

Quanto à última hipótese colocada (de que traços de *Meanness* e *Boldness* estariam associados a respostas mais utilitárias em ambos os tipos de dilemas), verifica-se que é suportada para *Meanness*, mas não para *Boldness*. De facto, o fenótipo *Meanness* consegue prever significativamente uma resposta moral utilitarista em ambos os tipos de dilemas. Já a *Boldness* é um preditor marginalmente significativo de respostas utilitárias a Dilemas Morais Pessoais, mas não para Dilemas Morais Impessoais.

Assim, quando o fenótipo *Boldness* apresenta uma tendência maior, cuja significância estatística é marginal, em prever uma resposta de tipo moral utilitarista nos Dilemas Morais Pessoais mas não nos Dilemas Morais Impessoais pode-se inferir que indivíduos com elevada *Boldness* eventualmente consideram mais aceitável moralmente um comportamento com tendência a violência que leve a um resultado utilitário (estamos a interpretar um efeito marginalmente significativo, mas apenas um resultado significativo suportaria de facto esta interpretação). É provável que quanto maior seja a participação ativa de uma pessoa num contexto de tipo moral é muito mais fácil aceitar o fato de ter um comportamento agressivo ou violento só pela necessidade individual nesse momento. Entretanto, o facto de que uma pessoa esteja indiretamente envolvida, faz perceber de maneira diferente e diminuir a tendência a ter um pensamento como moralmente aceitável posto que a participação é mínima ou envolve diretamente outras pessoas (Marsh & Cardinale, 2012).

Também faz sentido que o traço da personalidade psicopática *Meanness* seja o que melhor prediz respostas utilitaristas tanto em dilemas morais pessoais e impessoais. Indivíduos com elevada *Meanness* terão uma tendência maior em pensar que é aceitável moralmente arriscar a vida duma pessoa para salvar 5 ou mais, pois a sua maior tendência à crueldade ou grau de facilidade em pensar em magoar alguém, leva a que as consequências da ação tenham um valor maior do que o facto de provocar dano físico a uma pessoa. Assim a *Meanness* parece estar associada a uma maior tendência utilitarista e menos deontológica provavelmente determinada pela diminuída preocupação em saber a quem eles podem magoar ou causar algum dano assim reagem duma forma mais utilitarista (Li, Ding, Lai, Zhang, Wu & Liu, 2020).

Como limitação do presente estudo podemos considerar que o nível das pontuações totais de psicopatia na nossa amostra não são muito altas (tal como seria de esperar para uma amostra comunitária, ver por exemplo Coid et al., 2009), pelo que não podemos afirmar com certeza que estes resultados se generalizam para indivíduos com níveis extremos de psicopatia, como por vezes são encontrados em amostras forenses (Laurell & Dãderman,

2007). No entanto, a abordagem dimensional ao constructo de psicopatia sugere que esta se distribui continuamente na população, pelo que se levanta a hipótese de que as correlações encontradas no presente estudo poderão de facto indicar que quanto maior o nível de psicopatia maior será uma tendência a resposta de tipo utilitarista nos dilemas morais impessoais e pessoais.

Outra limitação que tem o nosso estudo é que a amostra não consegue ser representativa da população portuguesa em geral, mas pode-se replicar o resultado da pesquisa. O presente estudo não pode determinar os resultados como causa-efeito mas conseguimos ver uma aproximação das tendências no tipo de resposta moral com relação a psicopatia com base na teoria triárquica. Embora não seja o foco do nosso estudo, um ponto adicional importante para futuras pesquisas e investigações com relação ao construto moral, é o sublinhar a diferença entre a escolha na resposta do dilema moral e o seu juízo moral, segundo o estudo que fez esta diferença em uma população com traços de psicopatia. O juízo moral está relacionado com a questão moral e a sua escolha moral com o tipo de resposta moral, o que no fim vai fazer uma distinção na abordagem da psicopatia e o moral. São processos diferentes com particularidades distintas quando falamos de processos psicológicos e ao nível neural.

4. Conclusão

Finalmente, se pode inferir a partir dos nossos resultados que sobressai uma diferença entre o juízo moral utilitário e deontológico conforme o nível de psicopatia. Considerando a abordagem triárquica da psicopatia, pode-se concluir que o traço de personalidade psicopática *Meanness* é o que melhor consegue predizer um juízo moral de tipo utilitário em cenários de dilemas quer pessoais quer impessoais. Paralelamente o traço *Boldness* é o segundo melhor preditor do juízo moral utilitarista e em Dilemas Morais Pessoais, apesar de ser importante considerar que este resultado foi apenas marginalmente significativo. Por outro lado, nos Dilemas Morais Impessoais, a *Disinhibition* é o segundo traço que melhor pôde prever um juízo moral utilitarista nos Dilemas Morais Impessoais. Assim, revela-se um padrão diferencial do efeito das diferentes facetas da psicopatia consideradas pelo Modelo Triárquico no juízo moral.

Tendo em consideração os nossos objetivos e hipóteses a testar nesta investigação, é possível concluir que os resultados vão em concordância com a linha de investigação, em conjunto os estudos prévios e a teoria para assim acrescentar informação de valor para futuros estudos e criar bases para as exigências de tratamentos os quais podem estar relacionados com a psicopatia e a sua ligação com o juízo moral.

Referências bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2013). Cautionary statement for forensic use of DSM-5. In *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.)*. Author. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596.CautionaryStatement>
- Almeida, P., Seixas, M. J., Ferreira-Santos, F., Vieira, J. B., Paiva, T. O., Moreira, P. S., & Costa, P. (2015). Empathic, moral and antisocial outcomes associated with distinct components of psychopathy in healthy individuals: a Triarchic model approach. *Personality and Individual Differences* 85, 205–211. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.05.012>
- Bataglia, P., Morais, A., & Lepre, R. (2010). A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15(1), 25-32. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000100004>
- Blair, J., White, S., Meffert, H. & Hwang, S. (2013). Emotional learning and the development of differential moralities: implications from research on psychopathy. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1299, 36-41. <https://doi.org/10.1111/nyas.12169>.
- Cardinale, E. & Marsh, A. (2015). Impact of psychopathic on moral judgments abouts causing fear and physical harm. *PLoS ONE*, 10(5), 1-21. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0125708>
- Cima, M., Tonnaer, F. & Hauser, m. (2010). Psychopaths know right from wrong but don't care. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 5(1), 59-67. <https://doi.org/10.1093/scan/nsp051>
- Cleckley, H. (1941). *The mask of sanity: An attempt to reinterpret the so-called psychopath*. The C.V. Mosby Company.
- Coid, J., Yang, M., Ullrich, S., Roberts, A., & Hare, R. D. (2009). Prevalence and correlates of psychopathic traits in the household population of Great Britain. *International Journal of Law and Psychiatry*, 32(2), 65–73. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2009.01.002>
- Conway, P. & Gawronski, B. (2013). Deontological and utilitarian inclinations in moral decision making: a process dissociation approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(2), 216-235. <https://doi.org/10.1037/a0031021>

- De Carvalho, H. W., Jorge, M. R., & Lara, D. R. (2014). Modelo estrutural de internalização e externalização: emergência, validade e utilidade clínica. *Temas em Psicologia*, 22(4), 725-743. <https://doi.org/10.9788/TP2014.4-05>
- Esbec, E., & Echeburúa, E. (2010). Violencia y trastornos de la personalidad: implicaciones clínicas y forenses. *Actas Españolas de Psiquiatria*, 38 (5), 249-261. Recuperado de <https://www.actaspsiquiatria.es/repositorio/11/67/ESP/11-67-ESP-249-261-165838.pdf>
- Fernandes, C., Gonçalves, A. R., Pasion, R., Ferreira-Santos, F., Paiva, T. O., Melo e Castro, J., Barbosa, F., Martins, I. P., & Marques-Teixeira, J. (2018). European Portuguese adaptation and validation of dilemmas used to assess moral decision-making. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 40(1), 38–46. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2017-0022>
- Filho, N. H., Pereira, M. A., & Garcia, A. C. (2009). Psicopatia o construto e sua avaliação. *Avaliação Psicológica: Interamericana Journal of Psychological Assessment*, 8(3), 337-346. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5115932>
- Garrido, V. J. (2008). Psicopatía, otros trastornos de personalidad, abuso de sustancias y violencia. *Archivos de Criminología, Seguridad Privada y Criminalística*, 1, 1-13. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5259754>
- Garrido, V. J., & López, M. J. (2012). La psicopatía como paradigma actual de estudio en la criminología. *Criminología y Justicia*, 3, 4-17. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4045959>
- Gawronski, B. & Beer, J. (2016). What makes moral dilemma judgments “utilitarian” or “deontological”? *Social Neuroscience*, 12(6), 626-632. <https://doi:10.1080/17470919.2016.1248787>
- Greene, J., Nystrom, L., Engell, A., Darley, J., & Cohen, J. (2004). The neural bases of cognitive conflict and control in moral judgment. *Neuron*, 44(2), 389-400. <https://doi:10.1016/j.neuron.2004.09.027>
- Greene, J., Morelli, S., Lowenberg, K., Nystrom, L., & Cohen, J. (2008). Cognitive load selectively interferes with utilitarian moral judgment. *Cognition*, 107(3), 114-1154.
- Hall, J., Drislane, L., Patrick, C., Morano, M., Lilienfeld, S. & Poythress, N. (2014). Development and validation of triarchic construct scales from the psychopathic personality inventory. *Psychological Assessments*, 26(2), 447-461. <http://doi.org/10.1037/a0035665>
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist—Revised*. Multi-Health Systems.
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist—Revised* (2nd ed.). Multi-Health Systems.

- Koenigs, M., Kruepke, M., Zeier, J., & Newman, J. (2011). Utilitarian moral judgment in psychopathy. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 7(6), 708-714. <https://doi:10.1093/scan/nsr048>
- Koenigs, M., Young, L., Adolphs, R., Tranel, D., Cushman, F., Hauser, M., & Damasio, A. (2007). Damage to the prefrontal cortex increases utilitarian moral judgements. *Nature*, 446(7138), 908–911. <https://doi.org/10.1038/nature05631>
- Kohlberg, L. (1992). *Psicología del desarrollo moral*. Desclée de Brouwer.
- Laakasuo, M. & Sundvall. (2016). Are utilitarian/deontological preferences unidimensional? *Frontiers in Psychology*, 7, 1228. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01228>
- Laurell, J., & Dåderman, A. M. (2007). Psychopathy (PCL-R) in a forensic psychiatric sample of homicide offenders: Some reliability issues. *International Journal of Law and Psychiatry*, 30(2), 127–135. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2004.08.011>
- Li, S., Ding, D., Lai, J., Zhang, X., Wu, Z. & Liu, C. (2020). The characteristics of moral judgment of psychopaths: the mediating effect of the deontological tendency. *Psychology Research and Behavior Management*, 13, 257-266. <http://doi.org/10.2147/PRBM.S226722>
- Lilienfeld, S. O., Watts, A. L., Smith, S. F., Patrick, C. J., & Hare, R. D. (2018). Hervey Cleckley (1903–1984): Contributions to the study of psychopathy. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 9(6), 510–520. <https://doi.org/10.1037/per0000306>
- Lykken, D. T. (1995). *The antisocial personalities*. Lawrence Erlbaum.
- Marsh, A. & Cardinale, E. (2012). When psychopathy impairs moral judgments: neural responses during judgments about causing fear. *Social Cognitive and Affective neuroscience Advance Access*, 9(1), 3-11. <https://doi:10.1093/scan/nss097>.
- Monteiro, R., Gouveia, R., Patrick, C. J., De Carvalho, H. W., Medeiros, E. D., Pimentel, C. E., & Gouveia, V. (2015). A psicopatia no contexto dos cinco grandes fatores da personalidade. *Psico*, 46(4), 461-471. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.3.20314>
- Patrick, C. J. (2010). Operationalizing the Triarchic Conceptualization of Psychopathy: Preliminary description of brief scales for assessment of Boldness, Meanness, and Disinhibition. Unpublished manual. Patrick, C. J. (2006). *Handbook of psychopathy*. The Guilford Press.
- Patrick, C. J. (2018). *Handbook of psychopathy (second edition)*. The Guilford Press.
- Patrick, C. J., Fowles D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology* 21, 913–938. <https://doi.org/10.1017/S0954579409000492>

- Patterson, C. M., & Newman, J. P. (1993). Reflectivity and learning from aversive events: Toward a psychological mechanism for the syndromes of disinhibition. *Psychological Review*, 100, 4, 716–736
- Pérez, A. (2014). El psicópata subclínico: Sus manifestaciones y comportamiento. *Derecho y Cambio Social*, 37, 1-10. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4750872>
- Rivera, N. (2013). Dilemas morales, juicio moral y corteza prefrontal ventromedial. *Revista Colombiana de Filosofía de la Ciencia*, 13(27), 43-61.
- Sellbom, M., Wygant, D. & Drislane, L. (2014). Elucidating the construct validity of the psychopathic personality inventory triarchic scales. *Journal of personality Assessment*, 97, 374-381.
<https://doi.org/10.1080/00223891.2014.962654>
- Skeem, J., Polaschek, D., Patrick, C. & Lilienfeld, S. (2011). Psychopathic personality: bridging the gap between scientific evidence and public. *psychological Science in the public Interest*, 12(3), 95-162. <https://doi.org/10.1177/1529100611426706>
- Tassy, S., Deruelle, C., Mancini, J., Leistedt, S. & Wicker, B. (2013). High levels of psychopathic traits alters moral choice but not moral judgment. *Frontiers in Human Neuroscience*, 97(4), 374-381.
<https://doi.org/10.3389/fnhum.2013>
- Vieira, J. B., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F., Moreira, P. S., Barbosa, F., & Marques-Teixeira, J. (2014). *The Triarchic Psychopathy Measure (TriPM): Translation and adaptation to European Portuguese (LabReport No. 6)*. Porto: Laboratory of Neuropsychophysiology (University of Porto). <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/5C8EJ>
- Wojciszke, B., Parzuchowski, M. & Bocian, K. (2015). Moral judgments and impressions. *Current Opinion in Psychology*, 6, 50-54.
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2015.03.028>